



“DAMAS EM RODA!”:

TRADIÇÃO E DIVERSIDADE DE GÊNERO NO SÃO JOÃO DE CAMPINA GRANDE.

Vanessa Belmiro¹

Faculdade Maurício de Nassau FMN/CG

endereço eletrônico: vanessa.belmiro@mauriciodenassau.edu.br

Francis Oliveira Bezerra²

Faculdade Maurício de Nassau FMN/CG

endereço eletrônico: francisoliveirabezerra@yahoo.com.br

RESUMO: O presente artigo é parte de uma pesquisa em andamento sobre o olhar novo nas questões gênero, performances e sexualidade, tendo como objetivo analisar o lugar de participação de travestis e transgêneros nas quadrilhas populares de festejo junino, na cidade de Campina Grande. Considerando a tradicionalidade enquanto um processo de transmissão ou de continuidade das práticas culturais de um grupo, avaliaremos de que forma a inserção destes novos atores sociais, no caso, travestis e transgêneros, reelaboram os discursos de performance de gênero, iniciando um processo de construção simbólica de que este elemento tradicional na verdade, se vê reinventado (e reinventa) a construção de novas visibilidades cidadãs, mesmo que fora do espaço da festa, estes indivíduos encontrem barreiras para garantirem suas individualidades de cidadãos comuns, dentro do próprio cotidiano. Neste sentido, forja-se um espaço de luta e construção simbólica, que concretiza a emancipação e expressão dos sujeitos, preconizada pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) e nossa Constituição Federal (1988), servindo para mostrar que no campo do gênero, performances e sexualidade, a cultura e as artes servem como instrumentos de construção novos de significados, enquanto manifestação cultural e expressões individuais singulares, exigindo uma nova compreensão sobre a diversidade humana não apenas no contexto do comportamento aceito frente ao ‘marginalizado’, do ‘normal’, com o ‘desviante, mas como formas de empoderamento da comunidade LGBT e espaços tradicionais de pertencimento, como a família, trabalho e a cultura.

Palavras-chave: Tradição junina, Travestis, Cidadania.

¹ Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande (2013). Professora do curso de Direito, Faculdade Maurício de Nassau – Campina Grande.

² Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande (2011). Professor do curso de Pedagogia, Faculdade Maurício de Nassau – Campina Grande.



INTRODUÇÃO

A construção da realidade social parte da perspectiva de um certo sentido de um imaginário coletivo, sobre os traços marcantes da cultura e dos significados por ela produzidos. Ao se evocar esse substrato de ideias e comportamentos, o imaginário do nordeste resguarda um traço histórico, político e cultural que se revelam na figura do vaqueiro, do retirante, das bordadeiras e artesãs, do espaço doméstico e também das fronteiras com as vivências em âmbito públicos, que normatizam o reconhecimento do lugar do homem e mulher nordestina.

Alguns pensadores brasileiros ajudaram a construir a ideia de Brasil e seus sujeitos, a exemplo de Gilberto Freyre, que compôs cenários e imaginários de pessoas, na sua obra *Casa Grande & Senzala (1933)*. Outro traço marcante é o próprio discurso do ‘tipo’ tradicional do cabra macho e da mulher valente, mas que também é donzela, imbricados num discurso com fronteiras entre o sagrado e profano (homem valente e mulher devota) – que no elemento do cotidiano se veem juntos.

Como compuseram Humberto Teixeira e Luís Gonzaga, na Paraíba masculina a “mulher é macho, sim sinhô”. Ou seja,

resguardar a fronteira do limite entre masculino e feminino, na região, mesmo se fundando em traços normativos tradicionais, demonstra que por mais que haja um discurso dominante, moral inclusive sobre os sujeitos, eles por fim ressignifica-os. Pensar esta qualidade nos dias de hoje é bastante válido, quando desde a formação dos primeiros movimentos sociais em defesa da questão da igualdade entre os gêneros, como o movimento feminista formado na segunda metade do século XX, depõe sobre como esses traços se construíram em espaços de luta social. Mesmo defendendo outro tipo de visão sobre sujeito e cultura, Ariano Suassuna, reconhecido como embaixador da cultura popular nordestina, afirma que quem deveria “perpetuar a cultura popular do Nordeste é (seria) o próprio povo”.

Pois então, eis que chegamos a um momento novo com o qual discutimos neste trabalho: como a participação de travestis e transgêneros em quadrilhas juninas subverte essa lógica de ‘rigidez’ de papéis sociais – na verdade, ajuda até torna-los visíveis, ainda que enfeitados, ornamentados, maquiados, travestidos e **construídos** (grifo nosso) pelo disfarce. Aliás, a presença destes indivíduos em espaços tratados como “tradicionais” converte que na história, os direitos são antes de mais nada fruto de uma reivindicação sobre as garantias de autonomia dos



indivíduos sobre suas próprias identidades e comportamentos. Tais atribuições conceituais, enquanto categorias naturalizadas levaram o homem moderno a questionar sua posição enquanto sujeito, que confronta-se com o surgimento de novos sujeitos e (des)continuidades de formação de novos enredos sobre si, sobre o tradicional e o contemporâneo.

Essa discussão em torno da diferenciação da masculinidade a partir de classe, raça, idade, contexto social, preferência sexual conclui que as masculinidades são múltiplas, que são construídas e ensinadas e podem mudar, como afirma Honório (2011). Baseado no que Elisabeth Badinter, em sua obra “*XY: a identidade masculina*”, afirma: não se nasce homem; torna-se homem (Oliveira, 2013, p. 37), masculinidades e feminilidades são determinadas enquanto uma construção histórica, social e cultural, já que não existe uma única forma de ser homem e mulher, mas diversos estilos e formas de vivenciá-los.

Refletindo sobre o processo de construção das feminilidades e masculinidades lembramos que ambas são categorias analíticas, como o conceito de gênero, que nos permite realizar uma investigação sobre o fenômeno da distinção social entre os papéis sociais baseados no gênero. Atribui-se ao filósofo grego

Aristóteles a teoria do sistema binário de pensamento, que apresenta os fenômenos naturais opostos como o quente e frio, feio e belo, coragem e medo, forte e fraco, enquanto categorias que se referem a masculino e feminino.

Representando gêneros e sujeitos

Partindo desta perspectiva, a proposta da pesquisa deste trabalho visa entender como a participação de travestis e transgêneros nas quadrilhas juninas, de Campina Grande, levam a considerar um certo protagonismo de militância e pertencimento constituídos dentro desse universo cultural, problematizando as posições ocupadas por esses sujeitos e suas contribuições para o entendimento das relações de gênero e sexualidade. O desafio proposto é acompanhar a participação destes sujeitos em quadrilhas juninas, e nas tramas de suas vivências dentro e fora de cena.

Por “quadrilhas juninas”, vale a pena entender como sendo grupos organizados e compostos por certo número de pessoas, distribuídas em duplas de dançarinos – que sugerem a configuração de um casal heterossexual, ainda que essas pessoas não tenham um vínculo conjugal, afetivo ou sexual – que, em conjunto, dançam uma coreografia que representa determinados costumes atrelados à certa ideia de ruralidade



(Noletto, 2015). O título deste artigo, “Damas em Roda!” - assim como *anarriê* e *alavantú* - trata-se de um comando utilizado pelo marcador (puxador de quadrilha) orientando os cavalheiros a entrarem para dentro da roda sem largarem as mãos. Damas fazem a roda por fora e todos começam a rodar pela esquerda, procurando seus pares.

Estas apresentações se dão em concursos de quadrilhas juninas formada por jovens, representando o ‘outro’ - os ‘matutos’, exibindo o enredo temático e as coreografias ensaiadas durante meses de preparação. Personagens como padre, casal de noivos, o bêbado, o pai da noiva, rainha, rei, príncipe e princesa do milho dramatizam de forma leve e descontraída cenas do cotidiano rural³. É nesta representação que travestis e transgêneros reivindicam, por assim dizer, sua visibilidade e autoafirmação identitária perante o seu grupo de convivência.

Curiosamente, a presença de homens travestidos de mulheres nas quadrilhas suscitou uma reflexão sobre as relações de gênero com a tradição da festa junina, onde personagens “masculinos” e “femininos”

³ Portanto, em termos de representação e performances, não necessariamente as travestis e as mulheres trans são as únicas que ‘encenam’ suas performances, a quadrilha junina já pode ser vista como a experimentação de papéis sociais possíveis, ainda que na ‘brincadeira’ entre o sujeito urbano que imita o sujeito rural.

protagonizam histórias do imaginário caipira, ou matuto, assumindo papéis tão tradicionalmente enraizados na cultura popular nordestina. Já que homens e mulheres tem posições tão definidos nesses espaços, como se dá o processo de inserção de heterossexuais, homossexuais, travestis e pessoas trans num contexto de festa e por que essa dinâmica onde as damas (trans ou não), tendo homens como parceiros de dança, dilui barreiras e bloqueios de convivência?

Gênero ou identidade de gênero: campo conceitual

A questão de gênero tem se apresentado como temática frequentemente visitada nos campos teóricos das ciências, sobretudo as ciências sociais. “Por estarem intimamente ligadas as questões de desigualdade e de poder nas sociedades, as diferenças sociais são objeto de grande interesse para os sociólogos” (Giddens, 2008, p.102). Nas últimas décadas acompanhamos uma evolução nos debates acerca da efetivação dos direitos que envolvem mulheres e os homossexuais. O movimento feminista e LGBT tem protagonizado papéis de luta na tentativa de ressignificação da sua identidade e posição na sociedade.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Foi a partir da década de 1970/80, que nos EUA, e em outros lugares do mundo, o movimento feminista passou a utilizar o termo gênero como uma teoria para tratar da questão da diferença entre os papéis sociais relativos ao universo masculino e feminino, mas não mais por um viés anatômico ou fisiológico, que definem os corpos biológicos e concepções de sujeito biologizantes, mas como elemento simbólico de dominação. Diferentemente da conceituação de “sexo”, gênero diz respeito às diferenças psicológicas, sociais e culturais entre homens e mulheres, estando ligado a elementos socialmente construídos de masculinidade e feminilidade.

No final do século XX, em 1990, Joan Scott, a partir de uma perspectiva histórica, definiu o gênero como “um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (1990:14). Scott vincula o gênero à dinâmica do poder quando diz que ele é uma primeira maneira de dar eficácia à significação das relações de poder no ocidente: é um campo, não o único, no qual o poder é articulado.

Sobre as relações de gênero, Giddens (2008) afirma que se referem às interações socialmente padronizadas entre homens e mulheres na sociedade. Alguns sociólogos

alegam que existe uma ordem de gênero em que as expressões da masculinidade e feminilidade estão organizadas numa hierarquia que promove a dominação dos homens sobre as mulheres. A desigualdade de gênero é ainda definida como a diferença de status, poder e prestígio que as mulheres e os homens apresentam nos grupos, nas coletividades e nas sociedades. Pois bem, se falar em gênero, ou identidade de gênero, implica em reconhecer que as percepções que possuímos de nós mesmos e do outro são socialmente construídas, como se dá o processo de desconstrução de tais percepções? Poderiam ser reformuladas na mesma perspectiva?

Segundo o sociólogo francês Pierre Bourdieu, a dominação masculina é um sistema universal, transcultural, que é mantido por instituições tradicionais como a família, a escola, a Igreja e o Estado, que de forma ideológica e estrutural, preserva e reforça tal dominação, quase que imperceptivelmente. Essa preponderância de um sexo sobre o outro, do masculino sobre o feminino está tão arraigada em algumas sociedades que se torna impossível uma mudança em suas estruturas.

Festejos juninos: a fronteira do tradicional e moderno, das novas identidades de gênero

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Gênero é um conceito socialmente criado responsável por atribuir diferentes papéis e identidades sociais aos homens e às mulheres, e falar sobre identidade de gênero implica na compreensão, não na de que cada sociedade atribui um papel diferente à homens e mulheres, mas como as pessoas se veem como homens e mulheres, mesmo tendo que ultrapassar o limite do papel social (no caso das travestis) como também o próprio corpo biológico (como no caso das pessoas trans). Essa posição é um fator decisivo na estruturação das oportunidades e de chances de vida encaradas pelos indivíduos e por grupos, influenciando diretamente nos papéis desempenhados por eles nos espaços sociais. Por isso essa defesa pelo termo identidade de gênero seja o melhor conceito para entender a realidade de quem se sente diferente dentro do próprio corpo, pois a voz é a do sujeito autônomo e não de quem coloniza ele (sociedade, padrões morais).

As travestis identificam-se, ou seja, se relacionam com o aparato, o moldável, a imagem do universo feminino, sem que necessariamente isto altere sua concepção de sujeito biológico, que porventura pode vir ou não lhe agradar. Daí a necessidade de mudar a sua aparência, sua autoimagem. Por sexo, entendemos a determinação cromossômica que faz do indivíduo macho ou fêmea. Segundo Butler (2010), menos que uma mera

norma, o sexo faz parte de uma prática regulatória que produz os corpos controlados por ela. No caso das travestis, elas adotam adornos e elementos que referenciem a sua escolha, enfrentando tais normas regulatórias impostas pela sociedade. Foucault (1976), a esse respeito, afirma que “é pelo sexo, com efeito, ponto imaginário fixado pelo dispositivo da sexualidade, que cada um deve passar para ter acesso à sua própria inteligibilidade [...] à totalidade de seu corpo [...] à sua identidade” (FRANÇA E FONSECA SILVA, 2013, p. 70).

No caso da atuação das travestis nas quadrilhas juninas, observamos que independentemente das apresentações culturais, algumas são “mulheres” na vida cotidiana. O curioso é pensar como esses sujeitos se veem nesses espaços de expressão da cultura popular nordestina, onde os homens, “matutos”, ditos “cabras machos” cortejam alegoricamente as “damas” e “donzelas” integrantes do grupo, sem com isso fazer qualquer distinção ou recriminação entre elas.

A participação das travestis é um dos pontos altos das apresentações. Já no início da apresentação é possível observar os olhares curiosos e surpresos do público, deslumbrado pelo capricho nas vestimentas e adornos utilizados por essas damas. Destaque para os

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

vestidos luxuosos, maquiagens bem elaboradas, saltos altos, cabelos impecáveis e muito brilho. Tamanha dedicação talvez se deva pelo fato das damas almejarem receber o mesmo reconhecimento e admiração por parte do público que as damas mulheres recebem e para tanto acreditam que trabalhar a imagem do corpo é um fator determinante no processo de aceitação social. Existe uma compreensão de que esquemas de percepção e de apreciação próprios da estrutura social inerente ao processo e aos agentes da interação que se constroem a partir da reação à beleza ou à fealdade que seu corpo suscita nos outros, interferem diretamente na imagem que ela projeta de si.

Bourdieu (1999), afirma que “o corpo percebido é duplamente determinado socialmente. Por um lado, ele é até naquilo que mais parece natural (...), um produto social, que depende de suas condições sociais de produção...”. Sendo assim, a célebre frase cunhada por Simone de Beauvoir “ não nascemos mulher. Tornamo-nos mulher”, desconstrói a visão naturalista tradicional acerca do sexo, enquanto conceito biológico. Podemos dizer que a imagem feminina também pode ser elaborada socialmente e virtualmente. Empossar-se do corpo, do eu feminino coloca as travestis numa situação de libertação e de independência de uma dominação simbólica. E é no contexto da

tradição e da cultura que as travestis dançarinas da quadrilha junina busca reafirmar seu direito de ser o que são, ou como querem ser reconhecidas, ou seja: damas em roda.

Embora o elemento heterossexual esteja presente nas danças juninas, coreografadas distintamente pelas damas e cavalheiros, é possível notar que não somente as quadrilhas paraibanas, mas também de outros estados da região nordeste estão agregando dançarinos homossexuais e travestis nos concursos, que geralmente desempenham tanto papéis femininos quanto masculinos.

A própria repercussão da festa inclui esse elemento novo de visibilidade. Reportagens locais confirmam essa informação de que: “Quadrilhas Juninas expõem diversidade: homens vestidos de dançarinas”. Do mesmo modo, identificamos a notícia que “Travestis comemoram aceitação em grupos juninos” , onde duas travestis cearenses se diziam orgulhosas em poder participar da quadrilha, apesar da resistência inicial de alguns integrantes do grupo

“No começo foi difícil, porque a quadrilha que participava não me aceitava como mulher e tinha que dançar como homem (...) Nessa época me sinto realizada, mostra (que) uma dançarina travesti pode ter sim seu lugar na



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

quadrilha. Antes, tinha medo que jogassem coisas em mim, mas hoje muita gente vem e pede para tirar foto” Gabriela Dias, membro da quadrilha cearense “Zé Moringa”.

Tais relatos nos possibilitam constatar que as tradições juninas estão carregadas de elementos culturais, construídos histórica e socialmente, como a noção do papel do homem e da mulher na apresentação da quadrilha. Como foi relatado, a percepção e resistência por parte de alguns integrantes em relação à participação das travestis como damas, reforça a ideia de que ainda existe uma dominação de gênero fortemente demarcada neste complexo cultural. Mas também podemos identificar a superação de algumas barreiras culturais, quando observamos o contentamento da travesti cearense ao vivenciar momentos de prestígio e reconhecimento social ao ser abordada pelo público para posar nas fotos.

Até que ponto a cultura e a tradição de uma sociedade deve ser preservada? É possível discutir e desconstruir a noção de uma identidade genérica (enquanto esquema de pertencimento a categoria feminina/masculina) dentro de um sistema cultural/ tradicional? Acreditamos que sim. Na nossa concepção, a criação de novos sujeitos, demanda novos direitos. Os sujeitos que integram um determinado grupo cultural

se identificam e se percebem como atores importantes na busca por um objetivo em comum. No caso das quadrilhas, vencer o concurso. E para tanto, não importam se são mulheres ou homens. Todos necessitam de igual forma, se empenhar para que o coletivo tenha êxito em sua apresentação. Ou seja, a experiência de vitória do grupo supera as barreiras culturais. A solidariedade presente entre os integrantes da quadrilha é definida pela identidade do grupo em si, e não apenas dos indivíduos que a compõem.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

A partir da discussão do elemento político e militante da comunidade LGBT, e nesse contexto das travestis, podemos perceber que a inserção desses sujeitos nos espaços tidos como “tradicionais”, tem se tornado possível graças às exigências de adesão as pautas movimentos sociais, que reivindicam do poder público o reconhecimento de seus direitos. Recentemente, o governo brasileiro tem adotado políticas públicas de gênero, no sentido de garantir a efetivação dos direitos mais básicos da população LGBT. Apesar disso casos frequentes de homofobia, discriminação, ódio e preconceito ainda são vergonhosamente noticiados diariamente pela mídia, mesmo tendo suas demandas chegado a pauta pública. O fundamentalismo religioso e o conservadorismo de alguns representantes

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

políticos têm tentado cercear os direitos conquistados pela população LGBT reforçando a violência de gênero que recai sobre essa população.

Segundo dados apresentados pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, no ano de 2011 o Supremo Tribunal Federal reconheceu os casais de mesmo sexo enquanto família e a eles foram garantidos os mesmos direitos dos casais heterossexuais, portanto, os casais de mesmo sexo teriam o direito a conversão da sua união estável em casamento, bem como, o direito a adoção. Reconheceu também o direito das travestis e transexuais a usar seu nome social, de acordo com a Carta dos Direitos dos Usuários da Saúde e na esfera da saúde, também foram reconhecidos os direitos sexuais e reprodutivos da população LGBT no âmbito do SUS. Contudo, temos acompanhado a resistência por parte de alguns partidos políticos que tentam barrar a efetivação de tais direitos.

Essas conjunturas nos levam a crer que ainda há muito a se fazer, mas que abrem espaços de vozes a serem ouvidas em suas reivindicações. Neste sentido, os primeiros passos já foram dados, e temos acompanhado o surgimento de velhos direitos para novos cidadãos. A construção de uma nova ordem e estrutura social, onde se reconheça todo e

qualquer cidadão, independente de seu sexo, gênero e sexualidade enquanto sujeito de direitos passa pela forma do Estado garantir as expressões individuais que se constroem no campo da cultura, e que não funcione por uma ótica ainda de dominação de um indivíduo pelo outro, nem de um grupo sobre outro, mas pela liberdade de você expressar seu comportamento sexual conforme sua própria consciência.

REFERÊNCIAS:

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"*. In: LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo educado. Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autentica, 2000.

FRANÇA, Thiago Alves; FONSECA-SILVA, Maria da Conceição. *A homofobia do "meio" em G Magazine; tensões entre sexualidade e gênero*. In: SILVA, Antônio de Pádua Dias da. (Org.). **Rumos dos estudos de gênero e de sexualidades na agenda contemporânea**. Campina Grande: EDUEPB, 2013. 211. :il.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

GROSSI, Miriam Pillar (Org.). **Movimentos sociais, educação e sexualidades**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. 264p.

HONÓRIO, Maria das Dores. “*Cabra-macho, sim senhor! Um estudo sobre a masculinidade no Nordeste do Brasil*”. **GT 16 - Novas sociologias: Pesquisas interseccionais feministas, pós-coloniais e queer**. XV CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 26 a 29 de julho de 2011, Curitiba/PR.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Porto Alegre: Revista Educação e Realidade. 1990.

SILVA, Antônio de Pádua Dias da. RIBEIRO, Maria Goretti (Org.). **Rumos dos estudos de gênero e de sexualidades na agenda contemporânea**. Campina Grande: EDUEPB, 2013. 211. :il.

Endereços eletrônicos:

FROTA, Eduardo. “**Para botar ordem na quadrilha**”. Disponível em <http://www.circuitosaojoao.com.br/texto.php?id=55&id_type=5>. Consulta realizada em 20 de outubro de 2015.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 6ª edição. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa 2008. Disponível em

<<https://www.passeidireto.com/arquivo/1747126/anthony-giddens-sociologia>> Consulta realizada em 20 de outubro de 2015.

NOLETO, Rafael da Silva. “**Brilham estrelas de São João!:**” **Homossexualidades e travestilidades masculinas nas festas juninas do Pará**. Revista Novos Debates, V 02, n 01, Jan 2015. Disponível em: <<http://novosdebates.abant.org.br/index.php/np/95-novas-pesquisas/novas-pesquisas-blog/101-brilham-estrelas>>. Consulta realizada em 20 de outubro de 2015.

LGBT: Direito Assegurado. Disponível em <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/noticias/lgbt>>. Consulta realizada em 20 de outubro de 2015.